

É PRECISO VER A VIDA COM OLHOS DE CRIANÇA

Matisse e Picasso foram amigos e rivais. Os dois pintaram mulheres e a temática erótica esteve presente em suas obras. Se Picasso colocava paixões e inquietações nas telas, Matisse criou uma realidade metafísica a partir da simplicidade

Até a Segunda Guerra Mundial Paris era o centro cultural e intelectual do Ocidente, atraindo artistas e intelectuais do mundo todo. Em 22 de junho de 1940, a França, dominada pelo Exército alemão, assinou um acordo de rendição que dividiu o país em duas zonas, uma ocupada pela Alemanha e outra sob o comando neutro do governo francês, baseado em Vichy, liderado pelo general Philippe Pétain.

Ainda nos dias de hoje a derrota militar e a ocupação alemã são assuntos controversos e motivo de vergonha para os franceses. Durante os quatro anos de ocupação, os artistas e intelectuais que ficaram no país mantiveram suas rotinas de trabalho, como Matisse, Picasso, Derain, Bonnard, Valéry, de Beauvoir e Sartre. Os alemães tinham interesse em manter a vida cultural francesa ativa, estimulando publicações, exposições, concertos e peças de teatro. Joseph Goebbels, responsável pela cultura e propaganda nazista, queria aproximar os artistas franceses e alemães, para estimular a difusão da cultura alemã na França. Além da supremacia militar, os alemães queriam a supremacia cultural.

Diversos livros, alguns lançados recentemente, analisam a vida dos artistas na França durante a ocupação alemã. Ainda que todos critiquem a maciça sucumbência dos franceses aos alemães, deve-se reconhecer que de artistas, comprometidos com seu próprio mundo, povoado por questões estéticas, poéticas e líricas, não se pode esperar atos heróicos. Também não se sabe afirmar o que teria sido melhor: ficar e manter a cultura francesa viva; ficar e se recusar a criar para evitar qualquer colaboracionismo ou fugir do país?

Protegidos pela fama, Matisse e Picasso continuaram a trabalhar e a vender suas obras, apesar de Picasso ter sido proibido de expor. Depois de *Guernica*, uma manifestação contra o nazismo era esperada de Picasso. No entanto, o motor propulsor de seus trabalhos não eram questões sociopolíticas, mas sim temas claramente autobiográficos.

Ainda que sua arte estivesse livre de qualquer associação política, a postura de Matisse – que nessa época morava no sul da França –, durante a segunda guerra, foi igualmente criticada. Alguns historiadores consideram sua postura vergonhosa e covarde, principalmente

quando sua mulher e sua filha foram presas por seu envolvimento com a resistência francesa. Matisse não usou de sua influência para ajudá-las, pois, segundo alega o escritor Frederic Spotts, tinha se tornado cego para a questão moral e política que o cercava.

Entretanto, as cartas de Matisse a amigos mostram o quanto ele sofreu com a prisão de sua filha. Do mesmo modo, através da leitura de suas cartas percebe-se que, com o passar dos anos, Matisse foi gradativamente se desligando da realidade, da família, da sociedade, de questões políticas, até de si mesmo. A guerra, a ocupação, sua grave doença pouco afetaram sua serenidade e disposição para o trabalho. Antes de proferir qualquer sentença condenando o pintor, deve-se entender que, como poucos artistas, Matisse viveu exclusivamente para sua arte. Trabalhava diariamente, sem descanso, com disciplina e dedicação, sofrendo e se angustiando durante o processo de criação. Seu tempo era integralmente aplicado à pintura, com uma devoção que beirava a obsessão. A vida de Matisse foi consagrada à busca da forma mais genuína de expressar seus sentimentos.

Por Maria Rita Drummond

Pretendia, dizia ele, “tornar doce e saboroso tudo que é amargo”. Com isso, recluso em seu mundo interior, fonte maior de inspiração na luta entre seu desejo de ordem e sua antagonista força expressiva, Matisse criou sua alegre e repousante realidade.

Da advocacia para a pintura

“Estou preso à obra, e se me afastar fico cheio de remorso”. Nascido em Le Cateau-Cambrésis no último dia de 1869, Henri-Émile-Benoît Matisse estudou direito e trabalhou como assistente de advocacia em Saint-Quentin, no norte do país. Em 1891 mudou-se para Paris e ingressou no ateliê de Gustave Moreau, onde iniciou sua vida artística.

Ao abandonar a advocacia para se dedicar à pintura, ainda que sem estudo no campo de Belas-Artes, Matisse já sabia o que queria. Logo que chegou a Paris, percebeu a existência de uma “arte oficial”, impregnada de convenções e refém de um estilo. Seus primeiros professores criticaram duramente seu trabalho, mas isso não o impediu de entrar para a Escola de Belas-Artes de Paris e iniciar rotineiras visitas ao Louvre

para estudar as obras dos grandes mestres renascentistas. O exercício de fazer cópias das obras de Rembrandt e Rafael não era fácil. Matisse se dizia incapaz, acreditando que a “verdadeira liberdade consiste em seguir o caminho que nossas qualidades nos inclinam a tomar”.

Em 1895 Matisse viajou para o sul da França com pintores impressionistas. Convivendo com eles, percebeu que a paleta do impressionismo era muito diferente da que usava para copiar os mestres antigos do Louvre. Observando os outros pintores, percebeu que poderia desenvolver uma técnica que o direcionasse para a luz e a cor. O convívio com artistas filiados à técnica do pontilhismo e à teoria do divisionismo fez com que Matisse pintasse o quadro *Luxo, Calma e Volúpia* (1904-05). Entretanto, admitiu posteriormente que não se sentia à vontade com a estética do impressionismo nem com a técnica da arte oficial, exposta no Louvre.

Ambas lhe pareciam insuficientes para atender sua necessidade de expressão.

A fim de se libertar dos entraves do que existia, partindo de si mesmo, Matisse começa sua busca por luz e cor. Nessa época, um grupo de artistas liderados por Matisse passa a exaltar cores intensas, com linhas vigorosas e livres, iniciando-se assim o movimento artístico denominado fauvismo. Os fauvistas rejeitaram as cores suaves e cintilantes dos impressionistas, em favor das cores violentas que já tinham sido usadas por Paul Gauguin e Vincent van Gogh. O nome *fauve*, que significa fera, foi dado de forma pejorativa por um crítico de arte na exposição



La Joie de Vivre causou grande comoção em Paris, em 1905 / DIVULGAÇÃO

do Salão do Outono, em 1905. Os artistas rotulados como fauvistas nunca aceitaram bem a ideia, o que fez com que o movimento durasse pouco.

Influenciado pelas visitas ao Louvre, pela exaltação da cor do fauvismo, pela precisão do desenho do cubismo, por suas viagens pela Europa e pelo Marrocos, o período antes e durante a Primeira Guerra Mundial foi de muito trabalho, firmando Matisse como um grande pintor.

Matisse e Picasso

“Ninguém nunca olhou tão atentamente para meu trabalho quanto ele, nem tão atentamente ao trabalho dele como eu”. A pintura *La Joie de Vivre* (1905), de Matisse, causou grande comoção em Paris. A dança deu tema e ritmo a esse quadro, temática que voltaria posteriormente no inesquecível quadro *Dança* (1910), encomendado pelo colecionador russo S. Schukin

junto com *Música*, e no afresco *Dança* (1933), pintado para a fundação Barnes, nos Estados Unidos.

Ainda que criticada, a tela *La Joie de Vivre* foi responsável por elevar Matisse ao status de estrela. A obra foi adquirida por Leo Stein, irmão de Gertrude Stein, intelectual americana radicada em Paris. Como outros escritores e artistas da época, Matisse e Picasso eram frequentadores assíduos da casa de Gertrude Stein e, antes de se conhecerem, já se admiravam e sabiam que eram rivais.

Certa tarde em 1905, Matisse levou uma pequena escultura africana que havia adquirido em uma loja de antiguidades para a casa de Stein. Chegando lá conheceu Picasso, que ficou impressionado com o objeto. Os dois discutiram por horas o interesse comum pela arte negra. A partir desse episódio, Matisse e Picasso passaram a se visitar, trocar quadros e esculturas, inaugurando um diálogo que os acompanharia para o resto da vida. Os dois pintaram mulheres e a temática erótica se fazia presente em suas obras. No entanto, enquanto Picasso colocava suas paixões e inquietações nas telas e esculturas, engajado nos acontecimentos

da época, Matisse criava uma realidade metafísica a partir da simplicidade de suas imagens. Picasso sempre pensava em Matisse e o provocava, como quando pintou acrobatas e odaliscas, temas caros ao francês. Em 1933, enquanto Picasso estava no auge, festejado pela vanguarda francesa, pelos surrealistas e pelos colecionadores, Matisse sofria com as sugestões de que sua carreira havia terminado. Isolado em Nice, sua pintura era criticada como demasiado conservadora e decorativa, em uma época que o modernismo fervilhava.

Matisse rebatia as acusações de que sua arte era meramente decorativa, por acreditar ser esta uma qualidade essencial de uma obra de arte, não algo pejorativo. Queria que seu quadro emanasse, por meio das cores, alegria que deixasse o ambiente mais leve, da mesma forma expressiva que um buquê de flores. Nos anos que antecederam a guerra, o sucesso de Picasso os afastou.



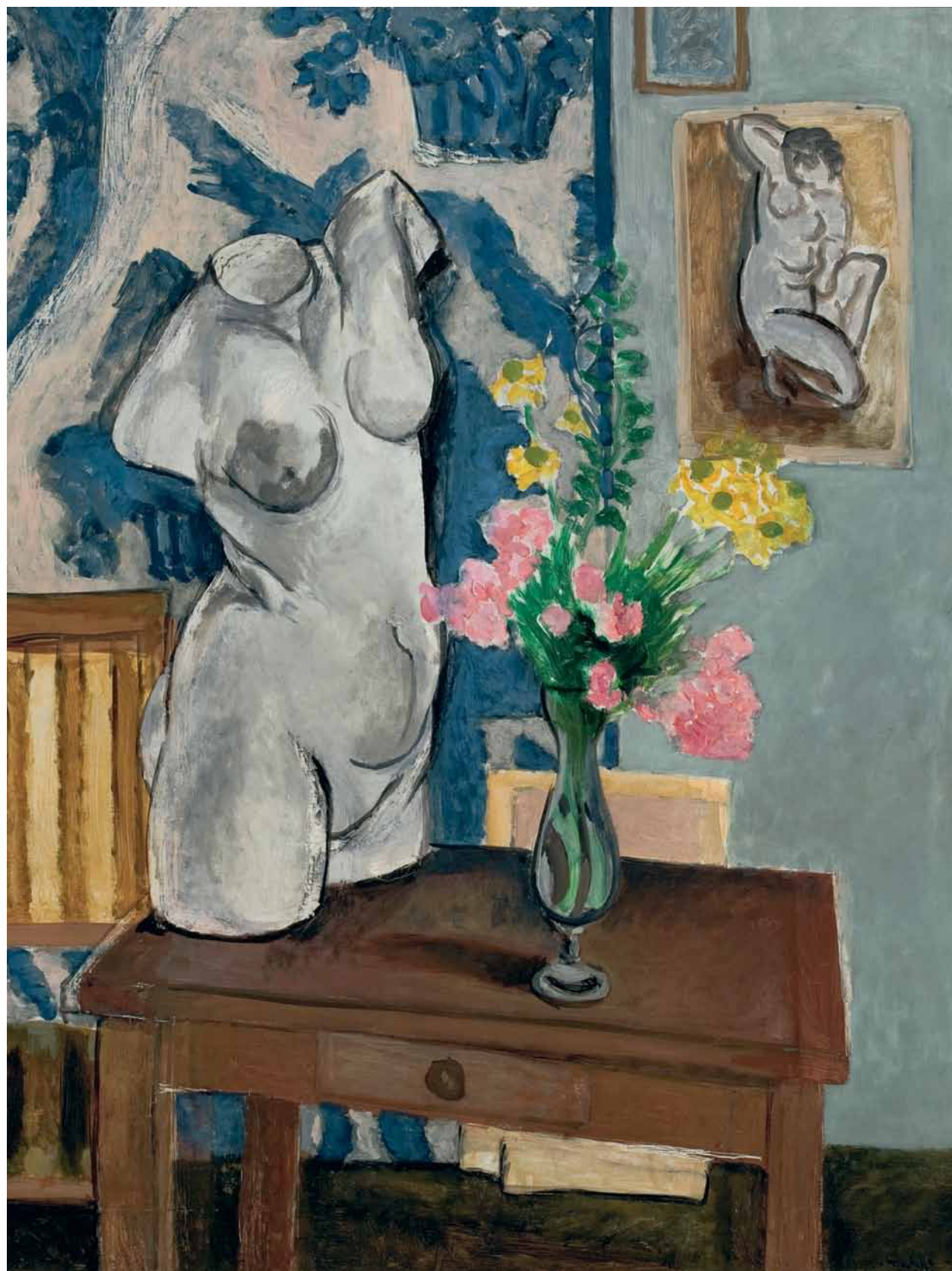
Jeune Femme à la pelisse blanche, de 1944, esteve em exposição na Pinacoteca, em São Paulo

Eclético, o espanhol se apropriava das imagens e temáticas de Matisse em diferentes estilos que pareciam vulgares e grotescos aos olhos da crítica. Carl Jung, ao ver os quadros de Picasso, escreveu

que a fragmentação e a violência das imagens remetiam aos desenhos de seus pacientes esquizofrênicos.

Durante a guerra, os dois levaram vida parecida. Saíam pouco, procura-

vam não chamar atenção e evitavam contato com os alemães. Picasso e Léger foram os únicos artistas não judeus proibidos de expor seus trabalhos na França. Na época, a única comunicação



O Torso de Gesso, tela de 1919, foi outra das obras que pôde ser vista na mostra da Pinacoteca, no âmbito do ano da França no Brasil

Sucession H. Matisse

entre Picasso e Matisse eram as obras que mandavam um para o outro. O auge da produção artística dos dois mestres do modernismo foi construído por uma relação que continha admiração, rivalidade, respeito, inspiração e amizade.

Após a guerra, combinaram uma exposição conjunta. O plano era mostrar ao mundo que a arte resiste à dominação política. Matisse, embora doente, estava animado: “Vou parecer bem-comportado (um pouco ingênuo para alguns) ao lado das suas pirotecnias”, escreveu. Em dezembro de 1945 expuseram juntos no Museu Victoria e Albert, em Londres. Os críticos diziam que as obras de Matisse ao lado das de Picasso não resistiriam à comparação com a genialidade do pintor espanhol. Picasso pensava diferente e dizia: “Considerando tudo, só existe Matisse”.

Jazz: desenhando com a tesoura

Em 1941, aos 72 anos de idade, Matisse teve uma diverticulite que o obrigou a se submeter a uma operação no intestino. Debitado, passou longos períodos na cama em recuperação. As freiras da clínica em que convalescia o chamavam de “o ressuscitado”, pela seriedade da doença e pela boa recuperação. Ele respondia que precisava viver mais alguns anos para terminar sua obra. A experiência de estar à beira da morte foi libertadora para o artista, que acreditava conseguir a partir de então criar da forma que lutou por toda a vida. De fato, nos anos que se seguiram, sua obra pareceu irradiar mais alegria do que no passado. Segundo ele, o trabalho cura tudo, o que incluía tanto as dores físicas, provenientes da doença, como a dor moral da impotência diante da guerra e da prisão da mulher e da filha. Durante o tempo em que ficou imobilizado, Matisse dedicou-se ao desenho, ilustrando diversos livros. Dessa fase surgiu um de seus trabalhos mais famosos, o livro *Jazz*.

O projeto contou com o apoio entusiasmado de um dos mais importantes editores de arte da época, Tériade, que já havia colaborado com Matisse em outros projetos. Foi Tériade que batizou o livro de *Jazz*, apesar de a temática de

Matisse estar mais próxima do circo, dos contos populares e do teatro, o editor acreditava que havia um ritmo cromático que criava um fundo sonoro. Matisse conseguiu combinar desenho e pintura, usando colagens feitas com papéis coloridos e recortados. O editor se esforçou para que o processo de impressão não alterasse as cores de Matisse. Com uma tiragem de 250 exemplares, a impressão foi feita sob a técnica chamada *stencils* (matriz para impressão por mimeógrafo e à base da pintura serigráfica), que conseguiu reproduzir com bastante fidelidade o trabalho original. Além das ilustrações, o livro trazia textos escritos à mão por Matisse, que afirmava na introdução considerá-los apenas uma forma para melhor apresentar os seus papéis recortados e acompanhar as composições cromáticas.



Le cheval, l'écyère et le clown. de 1947 / Sucession H. Matisse

Não era a primeira vez que utilizava colagens, mas esse livro, que levou dois anos para ficar pronto, trazia folhas de papel com vivas cores de guache recortadas, na forma que Matisse idealizara. Ele acreditava que recortar a cor era como talhar para os escultores. Nessa época, sua enfermeira Monique, que também havia servido como sua modelo de 1942 a 1943, quando ele morava em Nice, já tinha se ordenado freira e se chamava irmã Jacques-Marie. Morando em um convento em frente à casa de Matisse, a irmã o ajudava a pintar os papéis que ele recortava. A história de Matisse com a Irmã Jacques-Marie o conduziu para a realização de seu último trabalho, a capela de Vence.

A capela de Vence

“Gostaria de viver como um monge

em uma cela, desde que pudesse pintar sem preocupações nem incômodos”. No final do ano de 1946, a religiosa converteu-se com o artista sobre o projeto de vitral que ela idealizou para a capela que seria construída perto do mosteiro Chapelle du Rosaire, em Vence. Matisse, que então estava com 77 anos, se mostrou interessado e se dispôs a ajudá-la. O projeto tomou uma proporção grandiosa para ele, que se dedicou a desenhar os vitrais, a mesa do altar e a *via sacra* da capela.

Matisse, aos 80 anos, vivia totalmente absorvido pelo trabalho na capela, que seria “uma igreja cheia de alegria – um espaço que torna as pessoas felizes e repousadas”. A construção da igreja levou quatro anos e Matisse a considerava o resultado de toda sua vida artística, sua obra-prima.

Picasso ficou indignado quando soube que Matisse queria construir uma igreja. Escreveu para ele questionando seu direito moral, já que não era católico. Matisse respondeu que se tratava de uma obra de arte e que trabalhava em estado de espírito próximo da prece. Brincava que tinha começado a vida pelo profano, pintando mulheres, com temáticas eróticas, e que naturalmente terminava a vida pelo divino. Acima de tudo, acreditava na coerência de seu trabalho, afirmando que não desenhava melhor com o

tempo, e sim diferente. De fato, pode-se observar uma continuação lógica em seus trabalhos, fruto de uma incessante busca por um meio de expressar seus sentimentos como beleza, alegria e leveza. Três anos depois de inaugurada a Capela, Matisse morre aos 85 anos de idade.

A exposição *Matisse Hoje* esteve em cartaz na Pinacoteca do Estado de São Paulo até 2 de novembro de 2009, mostrando 80 obras do artista, entre telas, gravuras, desenhos, colagens e esculturas, cobrindo diversas fases de seu trabalho. Além de obras como *Natureza Morta com Magnólia* (1941), *Interior Amarelo e Azul* (1946) e o livro *Jazz*, a mostra exibiu o vídeo da irmã Jacques-Marie relatando a construção da capela do Rosário, em Vence. No entanto, obras emblemáticas do artista não foram emprestadas pelos grandes museus. ▽